

O lugar do marxismo em Moçambique: 1975-1994*

Joaquim Miranda Maloa**

Resumo

O presente ensaio objetiva discutir o lugar do marxismo em Moçambique entre 1975-1994, descrevendo o seu aparecimento e desenvolvimento pela ação das forças sociais: sua natureza econômica, seus interesses, sua ideologia e as personalidades que articularam suas aspirações.

Palavras-chave: Marxismo; Moçambique; FRELIMO.

The place of the marxism in Mozambique between: 1975-1994

Abstract

The present objective assay to argue the place of the marxism in Mozambique between 1975-1994, describing its appearance and development by the action of the social forces: its economic nature, its interests, its ideology and the personalities that had articulated its aspirations.

Key words: Marxism; Mozambique; FRELIMO.

* Este artigo é uma versão ampliada e modificada da comunicação apresentada no 3º Colóquio *Marx e os Marxistas*, realizada na Universidade de São Paulo, entre os dias 17 a 21 de Maio de 2010. Este artigo não teria aparecido sem o trabalho compartilhado com o meu orientador Sérgio Adorno, que sabe guiar-me e, ao mesmo tempo, deixar-me livre.



** **JOAQUIM MIRANDA MALOA** é Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Eduardo Mondlane e Licenciado em Sociologia pela mesma Universidade. Coordenador Executivo do Centro de Pesquisa e Promoção Social, Docente Do Instituto de Formação em Administração Pública e Autárquica-Lichinga. Docente da Universidade Pedagógica Delegação do Niassa, Curso de HIPOGEP.

Introdução

Neste artigo, baseio-me na perspectiva de Ernest Mandel (2001), que defende que, para entender o *marxismo*, antes de tudo, é preciso situá-lo em seu contexto histórico, quando ele nasceu e como surgiu, em outras palavras, aplicar a interpretação materialista da história ao próprio marxismo em vez de considerar o seu aparecimento como natural. Sob essa ótica, o texto objetiva discutir o lugar do marxismo em Moçambique entre 1975-1994¹, destacando o seu *aparecimento e desenvolvimento* pela ação das forças sociais: *sua natureza econômica, seus interesses, sua ideologia e personalidades* que articularam suas *aspirações*. Nessa direção, não pretendo escrever uma tese sobre o *marxismo em Moçambique*. Meus argumentos visam alguns aspectos da interpretação sociológica que minha experiência profissional autoriza. Nas páginas que se seguem começarei situando a origem do marxismo em Moçambique (1968-1976), isto é, o seu aparecimento e desenvolvimento pela ação das forças sociais. Em segundo lugar, procurarei mostrar, o processo através do qual o marxismo é apropriado pela Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO (1976-1990). Em terceiro lugar, o artigo desenvolve uma comparação, sobre a percepção do marxismo entre (1975-1989) e (1990-1994).

¹ Para Vieira (2010) na sua autobiografia. *Participei, por isso testemunho*, disse que muitos dos seus camaradas e companheiros da sua geração pertenciam à família do marxismo ou do marxismo-leninismo.

A sociogênese do marxismo-leninismo em Moçambique

Portanto, o primeiro Estado moçambicano, implantado em 1975, dirigido pela FRELIMO, traçou a sua estratégia de desenvolvimento substituindo os moldes “capitalista” de produção pelo “socialismo.” Os primeiros anos, foram caracterizados por uma intensa reorganização e formulação de políticas, tais como: a criação de aldeias comunais e cooperativas do povo, seguindo o modelo Russo *kolkhozes, sovkhozes* e do socialismo Africano de Kambarage Nyerere, conhecido por “*ujamaa*” ou “*familyhood*.”²

O marxismo-leninismo em Moçambique é, em última análise, um produto da guerra-fria entre o capitalismo, representado pelos Estados Unidos e o socialismo, representado pela União Soviética.³ Entretanto, está caracterização só pode ser considerada válida sobre um ângulo muito restrito da história da formação dos intelectuais que deram voz, ao marxismo moçambicano e dos países que apoiaram Moçambique na luta pela



Bandeira da FRELIMO

² Política do primeiro presidente da Tanzânia, Kambarage Nyerere, que após o batismo adquiriu o nome de Julius Nyerere Kambarage. Acreditava que o socialismo existia desde os tempos imemoriais nas aldeias africanas.

³ A quando das celebrações da independência nacional, a URSS apareceu em 16º lugar na lista do protocolo das delegações convidadas. Em Março de 1977, Moçambique e a URSS assinaram um acordo de comércio e cooperação com a duração de vinte anos.

independência.⁴ Alguns cientistas sociais, como Brito (1995); Parafino (2009), afirmam que o marxismo-leninismo da FRELIMO, era indefinido e ambíguo, os dirigentes foram influenciados pelas várias tendências “maoísta”, “leninista” e “stalinista” que preponderavam no leste-europeu e do marxismo iconoclasta do professor da Universidade Eduardo Mondlane Jonh Saul. Para Brito, a versão stalinista da FRELIMO, não só proveio da cooperação internacional com a Rússia, China, Bulgária, Romênia, Vietnã, Iugoslávia, República Democrática da Alemanha e Coréia, mas também de estudantes da Universidade de Lourenço Marques⁵, filhos de burgueses e pequeno-burgueses, que simpatizavam com o discurso marxista-leninista da época. Para Egerõ (1992), a criação da FRELIMO⁶ em 25 de junho de 1962, na República Unida da Tanzânia (*Dar-es-salam*), foi protagonizada por três grupos sociais, com concepções ideológicas distintas: a) os membros exilados das três organizações, que já existiam há alguns anos, cujo exílio os tinha separado das realidades de Moçambique e cujas fontes principais de influências foram os movimentos nacionalistas dos países vizinhos. Temos os casos: UNAMI (União Africana de Moçambique Independente), criada em 1961, sob proteção do *Malawi Congress Party* (Partido malawiano); MANU (*Mozambique African Nation Union*), fundado em 1960, apoiado pela *Tanganyika African National Union* (Partido Tanzâniano) e UDENAMO

(União Democrática nacional de Moçambique), criado em 1960, sob a tutela do *Zimbabwe African Peoples Union* (Partido Zimbabweano); b), moçambicanos oriundos diretamente do trabalho clandestino no interior de Moçambique; c) o terceiro grupo era composto por moçambicanos que, tinham deixado Moçambique para estudar no exterior (EUA, Portugal, França, Argélia, etc).



A FRELIMO era composta por camponeses pobres e analfabetos na sua maioria, seguidos por antigos funcionários públicos coloniais e, por último, um número reduzido de burgueses e pequeno-burgueses. Quando a FRELIMO se constituiu como movimento, o seu objetivo era derrubar o colonialismo português, através da luta armada. No limite, tratava-se de uma revolução de libertação nacional. É preciso entender que, o marxismo em Moçambique, teve a sua origem no tempo em que se vivia uma história em movimento e uma confrontação permanente de pensamentos antagonistas no mundo entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Para o militante histórico da FRELIMO Sérgio Vieira, as razões que levaram a FRELIMO a ter uma relação com a União Soviética foram: a posição anticolonialista da União Soviética e a hostilidade crescente do salazarismo contra a União Soviética (VIEIRA, 2010). A entrevista realizada pelo

⁴ Países que apoiaram Moçambique na luta pela independência nacional: Argélia, China, Cuba, URSS.

⁵ Atual Universidade Eduardo Mondlane – Maputo (Moçambique).

⁶ Tendo como o primeiro presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, entre 1962-1969.

jornalista e militante histórico da FRELIMO, Aquino de Bragança, em 1969 com o primeiro presidente da FRELIMO Eduardo Mondlane, veio a confirmar essa tendência, quando este admitiu que a FRELIMO era muito mais socialista, revolucionária e progressista do que nunca, isto devido ao tipo do inimigo, que não permitia outra alternativa (CHRISTIE apud MACAGNO, 2005).

A decisão de alguns membros da FRELIMO, de optar por uma orientação mais socialista, revolucionária e progressista, causou grande desentendimento no seio do movimento. Muitos militantes não estavam de acordo quanto a forma de organização política, a natureza do exercício do poder que se pretendia criar na sociedade moçambicana pós-colonial. Dividindo assim, o movimento em dois grupos: *os revolucionários*,⁷ de um lado e os chamados *reacionários* de outro.⁸ Quando se observa tal testemunho, de correlação de forças no seio da FRELIMO, percebe-se num instante que a inspiração marxista deve ser explicada como um processo de tendência e acumulação de conflitos no seio do próprio movimento. Como observa Krusk apud Macagno (2005, p. 3), já existia um “marxismo tácito” que podia ser observado, desde 1968 no seio da FRELIMO. O argumento de Ergö (1992, p. 41), procura também evidenciar a este respeito, quando afirma que “*A FRELIMO durante a luta armada sabia agir como peixe na água. E tal igual ao peixe sabia transformar a água em que nadava.*” Este saber transformar a água em que nadava trata-

se, em última instância, do dilema de identidade, ou seja, um jogo tático de se afirmar ao longo da luta de libertação nacional marxista ou não marxista, norteado pelo paradoxo entre nacionalismo revolucionário e a revolução socialista (marxista-leninista).

A FRELIMO nunca se pronunciou marxista durante a luta de libertação nacional, mas adotava postulado marxista-leninista, principalmente nas zonas libertadas.⁹ No processo da luta armada os *revolucionários* alcançaram hegemonia na direção da FRELIMO, logo após o assassinato do primeiro presidente em 1969. A partir deste período, houve mudanças radicais na direção da FRELIMO. O movimento passou a ser dirigido por um conselho de presidência, composto por Uria Simango, Marcelino dos Santos e Samora Machel. Entretanto o grupo próximo a Uria Simango, foi expulso da fileira da FRELIMO, acusado de ser reacionário, como o caso de Lázaro Nkavadame – Secretário Provincial de Cabo Delegado, Mateus Gwengere, Silvério Nungo, Miguel Marrupa e outros elementos do Comitê central e vários da organização. Em 1970, Uria Simango, foi expulso da FRELIMO, terminando assim o conselho de presidência. Samora Machel foi eleito o sucessor de Mondlane. Como diz Macagno (2005, p. 5), Samora Macher era um porta-voz de um “marxismo caseiro.” O debate a cerca da posição marxista-leninista da FRELIMO, foi aprofundado em 1972, na V Sessão do

⁷ Os jovens letrados marxistas, na sua maioria filhos de burgueses e pequenos burgueses coloniais, assimilados e antigos funcionários públicos.

⁸ Os jovens letrados não marxista, com forte inspiração religiosa.

⁹ As zonas libertadas eram “laboratórios experimentais” das práticas como coletivização do campo e aprendizagem de ideologias que, por sua vez, veiculava novos valores, solidária, altruísta, coesa, socialmente disciplinada, com uma visão econômica no princípio da auto-suficiência e dependente, essencialmente, das “próprias forças.”

Comitê Central, quando se definiu com maior precisão a dedicação a causa das classes trabalhadoras, que serviria de aliança a FRELIMO.

Do avesso ao “marxismo-leninismo”

Com o acordo entre o Governo Português e a FRELIMO, em 1974 em Lusaka-Zambia, que pôs fim a guerra colonial e fez brotar independência nacional em 1975,¹⁰ um governo “revolucionário” foi instalado. Os slogans eram “abaixo ao feudalismo;” “abaixo ao colonialismo;” “abaixa ao capitalismo” marcando assim o fim de uma sociedade colonial. As escolas e as fábricas foram enfeitadas com fotografias de Marx, Lênin e Samora Machel (FRY, 2003).

Em fevereiro de 1977, a FRELIMO autodenominou-se marxista-leninista, passando de uma *frente nacionalista* a um Partido de *vanguarda revolucionário*. As estatísticas oficiais de ajuda externa, indicam que a partir

do momento que FRELIMO se declarou marxista-leninista o volume de ajuda feito pelo URSS aumentou.¹¹ Adam (2006) constatou que, quando das celebrações da independência nacional, a URSS apareceu em 16º lugar na lista do protocolo das delegações convidadas. Em Março de 1977, Moçambique e a URSS assinaram um acordo de comércio e cooperação com a duração de vinte anos. Para Depelchin (1983); Schneidman (1978); Azzina (1985); Kruks apud Macagno (2009), à

¹⁰ A independência de Moçambique foi proclamada no dia 25 de Junho de 1975.

¹¹ Conforme os estudos de Egerö (1992); Adam (2006); Vieira (2010).

opção marxista-leninista da FRELIMO, resulta não só do tipo de inimigo, mas também pela simples condição de dependência em relação a União soviética. Tratou-se de uma tendência universal que se manifestou em diferentes países e sociedades. Banot (1981), estudando *as ideologias das independências africanas* constatou que a URSS, bem como os EUA, fizeram grandes investimentos nos países recém independentes como forma de persuadi-los a seguir as suas orientações políticas. Este quadro de fato não parece infundado, Moçambique enviou à União Soviética, numerosas delegações de partido e do Estado, para um grande desenvolvimento das relações fraternais de solidariedade, ajuda mútua e cooperação.

O discurso do lançamento do programa revolucionário, feito por Samora Machel, no III Congresso da FRELIMO em 1977, afirmava que: A FRELIMO era um partido da vanguarda da aliança operário-

camponesa, sob a direção da classe operária, cujo objetivo é destruir o capitalismo. Cabia a FRELIMO a tarefa de dirigir, organizar, orientar e educar as massas, transformando-as num poderoso instrumento de destruição do capitalismo. A base ideológica é o marxismo-leninismo, uma vez que o marxismo-leninismo, constitui a síntese teórica das experiências das classes e dos povos oprimidos de todo o mundo (FRELIMO, 1997). O congresso ratificou todas as medidas já iniciadas desde a luta de libertação nacional e a sua subsunção a uma estratégia econômica e política coerente para a criação da nova sociedade socialista.



Primeiro Presidente de Moçambique, Samora Machel

A FRELIMO na sua governabilidade, estava convencida de que apenas um movimento revolucionário, profundamente motivado e disciplinado, poderia acabar com aqueles homens que embora conscientes das suas limitações, travavam consigo mesmo um combate interno permanentemente para superar as insuficiências reacionárias herdadas do colonialismo. Este movimento revolucionário era visto como uma luta de classe entre os que não se pautavam pelos ideais marxistas da FRELIMO e que esse processo revolucionário devia se enfrentado sob várias frentes, com avanços e recuos, com vitórias e fracassos. Uma luta de vida ou morte contra o inimigo da FRELIMO, que já não era mais o colonizador, mas o moçambicano, que tinha incorporado hábitos burgueses do colonizador. Estes eram designados de *homens velhos*, que deviam ser ultrapassados para se integrar numa nova sociedade socialista.

Como Samora Machel nos lembra, o *homem velho* é aquele homem não socialista, aquele que não conhece a teoria revolucionária. Enquanto que o *homem novo* é aquele que constrói o socialismo, com disciplina e entusiasmo mobiliza grandes massas (MACHEL, 1979). Para o sociólogo moçambicano Carlos Serra, vivia-se um período em que a figura de Samora era inventada e reinventada pelos seus porta-vozes da nação e produzida e reproduzida nos bastidores da política pós-colonial moçambicana (SERRA, 1997).

Na história de Moçambique pós-colonial há vários marcos indicativos que descrevem as realizações de práticas samorianas da FRELIMO sob o

nome do marxismo-leninismo entre 1975-1989. Essas evidências podem ser rastreadas através de três exemplos: 1) No campo da organização social, com a existência das *aldeias comunais* e de Células do partido FRELIMO nas instituições estatais, escolas e nos bairros residenciais, do Rovuma ao Maputo; 2) No campo político, com a presença de *assembléias populares* numa escala hierárquica (bairros, localidades, cidades, províncias e a nível nacional); 3) No campo acadêmico, com a existência de *universidade* e *escolas* de aprendizagem marxistas. A escola foi considerada como um centro de produção da mentalidade do homem marxista.

Do avesso à perestroika e glasnost Moçambicano



Primeiro Presidente de Moçambique, Samora Machel

Entre os estudiosos moçambicanos, generaliza-se a tese de que não é possível compreender o fim do marxismo-leninismo ignorando a crise econômica da

União Soviética, na década de 80. Trata-se de uma convicção estimulada pela fragilidade do poder econômico e político da União Soviética. Tudo indica que em Moçambique, na década de 1980, decresceu as oportunidades de ajuda por parte da União Soviética. A pobreza adquiriu estatuto de questão pública. Segundo esse painel em 1983, no IV congresso do partido FRELIMO, foram notoriamente discutidos questões como: a crise econômica que assolava o governo; a redução da ajuda da União Soviética, grande centralidade das decisões políticas e orçamentais. O congresso observou que a planificação central dava ênfase a *machambas*

estatais¹² e à marginalização do setor familiar da agricultura, que podia dar um suporte a crise da fome que assolava o país. O congresso reconheceu que a vitória sobre o subdesenvolvimento assentava-se no apoio concentrado e integrado do setor de produção-familiares, em especial atividade pecuária, assegurado em especial, a atividade necessárias em instrumento de trabalho, abrindo porta assim ao “capitalismo americano.” Depois do congresso, o presidente Samora Machel visitou os Estados Unidos em 1983 e o país negociou com as instituições de *Bretton Woods*.

Moçambique foi aceito, em 1984, como membro do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM). A deterioração dos termos de troca, situação de guerra, de desestabilização entre a FRELIMO e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), força rebelde que lutava contra o fim do marxismo-leninismo e calamidades naturais que assolava o país, levou aprovação por parte da FRELIMO, em 1987 do Plano de Reabilitação Econômico (PRE), que em 1989 integrou também o aspeto social (PRES), através do qual a FRELIMO lançou a flecha para liberalização do mercado. Apesar de esta flecha percorrer uma velocidade lenta, foi o primeiro momento da transição da *economia planificada* para a de *mercado*. Gordon White citado por Bertil Egerõ (1992) chamou este cenário de *reformismo do socialismo de mercado*. Talvez os aspectos interessantes, que contribuíram para o reformismo da FRELIMO, estejam relacionados com vários fatores: a falta de assistencialismo da União Soviética, que decorreu da derrocada do bloco da ex-União Soviética provoca uma

ruptura nos apoios aos regimes marxistas em todo o mundo, permitiu a FRELIMO procurar outros meios de sobrevivência, girando em torno dos países não socialistas.

Nesta procura incessante, o partido foi obrigado pelos países ocidentais a romper com os ideais marxista-leninistas e assumir um pluripartidarismo, tendo tido as primeiras eleições democráticas, com a participação de vários partidos políticos, em 1994. Neste processo, o marxismo passou a ser encarado como uma “teoria do mal,” que criou muita decepção, tristezas e humilhações a população. Desaparecendo assim, a ideia do capitalismo inimigo do povo, que comprometia o desenvolvimento do país. Deixa de existir no imaginário social da população moçambicana o homem socialista, passa a existir o homem burguês, influenciado pela estrutura social do capitalismo tardio (*Der spät kapitalismus*),¹³ terminando a ebulição revolucionária, descrita pelo antropólogo Christian Geffray (1988, p.74), “*de que a efervescência era tal a ponto embriagante que cada um tinha a sensação fascinante de estar próximo ao poder.*”

¹² Grandes campos de cultivo.

¹³ Para Ernest Mandel (1982), *o capitalismo tardio* significa a fase em que grandes corporações multinacionais, a globalização dos mercados pelo desenvolvimento imperialista dos mercados internacionais e pela exploração dos territórios coloniais.

Referências

- ADAM, Yussuf. **Escapar aos dentes do crocodilo e cair na boca do leopardo:** trajetória de Moçambique pós-colonial (1975-1990). Maputo: Promédia, 2006.
- AZINNA, Nwafor. Frelimo and Socialism in Mozambique. In: **Contemporary Marxism**. California, nº 7, 1983, p. 28-67.
- BRITO, Luis de. **Moçambique independente:** o novo espaço político. *Texto de apoio*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, UFICS 1995, mimeo.
- DEPELCHIN, Jacques. African Anthropology and History in the Light of the History of FRELIMO. In: **Contemporary Marxism**. California, nº 7, 1978, p. 69-88.
- EGERÖ, B. **Moçambique:** os primeiros dez anos de construção da democracia. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1992.
- FRELIMO. **Relatório do Comité Central ao 3º Congresso**. Maputo: Departamento Ideológico da FRELIMO, 1977.
- FRY, Peter. **Cultura de diferença:** sequelas das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África Austral. Rio de Janeiro: Afro-Ásia, 29/30, 2003, p. 271-316.
- GEFRAY, C. **La cause des armes au Moçambique:** Antropologie d'une guerra civil. Paris: Khartala, 1990.
- MACAGNO, L. Lendo Marx "pela segunda vez": Experiência colonial e a construção da nação em Moçambique. In: IV COLÓQUIO MARX E ENGELS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP, 11., 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005, p. 1-17.
- MACAGNO, L. Fragmentos de Uma Imaginação Nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 24 nº70. 2009, p. 17-35.
- MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril cultural, 1982.
- MANDEL, E. **O lugar do marxismo na história**. São Paulo: Xamã, 2001.
- MACHEL, S. **Estudemos e façamos dos nossos conhecimentos um instrumento de libertação do povo**. Maputo: Departamento do trabalho ideológico da FRELIMO, 1977.
- PARAFINO, A. **A concepção politécnica em Moçambique:** Contradição de um discurso socialista (1983-1992). Educação e pesquisa, São Paulo, v33, nº 3, p. 601-619, set/dez.2005.
- SCHNEIDMAN, Witney J. Frelimo's Foreign Policy and the Process of Liberation. In: **Africa Today**. Colorado, vol. 25, nº 1, 1978, p. 57-67.
- SERRA, C. **Novos combates pela mentalidade sociológica**. Maputo: Imprensa Universitária, 1997.
- SILIYA, C. J. **Ensaio sobre a cultura em Moçambique**. Maputo: Publicita, 1996.
- VIEIRA, S. **Discurso da 2ª Reunião do Ministério da Educação e Cultura**. Doc. Inf. nº 9 série A CEDIMOC, 31.07.1979.
- VIEIRA, S. **Participei, por isso testemunho**. Maputo: Ndjira, 2010.